

PEDRO PEREIRA COUTINHO, ADMINISTRADOR DA FINCOR

“Exportadoras são a aposta acertada para o pior dos cenários”

Bolsa vai acompanhar tendência de queda da economia em 2012



Miguel Baltazar

Pedro Pereira Coutinho | Administrador da Fincor diz que “os volumes e o investimento no mercado nacional caíram dramaticamente”.

PAULO MOUTINHO
paulomoutinho@negocios.pt

A agenda política europeia “terá um impacto enorme na tendência de subida ou descida dos mercados”, diz Pedro Pereira Coutinho. Dada a multiplicidade de opções que estão “em cima da mesa”, o administrador da Fincor considera que a volatilidade vai continuar elevada nos próximos meses.

Tendo em conta o contexto adverso, o que espera dos mercados até ao final deste ano? É difícil prever? A agenda política vai determinar o rumo?

Penso que sim. Neste momento, a agenda política europeia tem um impacto enorme no crescimento económico e, portanto, na tendência de subida ou descida dos mercados. Enquanto continuarmos com incertezas tão grandes em relação às decisões que podem ser tomadas, e que podem dar origem a resultados tão distintos, penso que vamos continuar a ter esta grande volatilidade à medida que há indícios num sentido ou noutro. Dentro da volatilidade, a tendência tem sido de queda. O contágio da dívida pública tem-se feito sentir, o abrandamento do crescimento é notório e, portanto, a tendência é de queda.

Assistimos a perdas entre 15% e 30% nas bolsas europeias. Se não temos visi-

bilidade até ao final do ano, como é que se perspectiva 2012?

É um ano de difícil previsão. Neste momento, previsões de longo prazo são a três meses. Para Portugal, nós sabemos com o que podemos contar... Vai ser o ano mais difícil que tivemos nos últimos dez. Na Zona Euro, a volatilidade dos mercados reflecte bem a probabilidade de diferentes destinos, consoante as medidas que sejam tomadas.

Vamos voltar a dividir a Europa em duas. Ou seja, vamos ter um comportamento nos mercados “core” e outro nos “periféricos”?

Penso que sim, embora este ano as quedas tenham sido fortes em todos os mercados. O efeito de contágio vai agravando esta diferença entre economias saudáveis e as que estão contagiadas pelo sobreendividamento e o ciclo vicioso de tentativa de reequilíbrio das contas públicas. Em 2012, o destino destas economias vai ser marcado pelas decisões políticas que vão ser tomadas dentro da Zona Euro.

Quanto aos “periféricos”, no qual se inclui Portugal, qual a sua expectativa? A recessão já está descontada?

Esperamos que as quedas não sejam tão acentuadas, mas penso que o mercado vai continuar a acompanhar a tendência de queda da economia. Até porque os resultados das

empresas vão sofrer significativamente. À medida que formos vendo os sectores que vão ser mais penalizados, esses serão muito afectados nas suas cotações.

Isso significa que a fuga de investidores vai continuar...

Os volumes e o investimento no mercado nacional reduziram-se dramaticamente. Na Fincor, tínhamos uma proporção de mercado nacional de 50% a 60%. Neste momento, caiu para menos de um terço. Houve muito investimento estrangeiro que saiu.

As empresas nacionais estão muito internacionalizadas. Estas histórias ainda fazem sentido?

Os negócios exportadores fazem cada vez mais sentido. E se houver uma medida de saída da moeda única de países como a Grécia ou Portugal, as exportadoras vão disparar. Vão exportar numa moeda forte e comprar numa moeda desvalorizada, que será o escudo. São uma aposta acertada para o pior dos cenários.

Tendo em conta as fortes quedas, há oportunidades na bolsa de Lisboa?

Temos a análise fundamental actual e, depois, temos um conjunto de expectativas que está incluído no preço. Nos últimos meses, as expectativas têm vindo a ser revistas em baixa. O rumo que tem tomado a cri-

2012 é um ano de difícil previsão. Neste momento, previsões de longo prazo são a três meses. Para Portugal, nós sabemos com o que podemos contar... Vai ser o ano mais difícil que tivemos nos últimos dez.

PEDRO PEREIRA COUTINHO
Administrador da Fincor

se da dívida tem sido negativo, e de uma forma que há seis meses seria impensável: o contágio a Itália, a Espanha, Bélgica, França. Quando se atinge uma economia como a Itália, o factor de contágio acelera a uma velocidade significativa. Havendo tanta incerteza em função das expectativas, é difícil dizer se elas estão incorporadas no preço ou não.

BCE precisa de novo mandato para travar contágio

O Banco Central Europeu (BCE) tem um papel importante na crise da dívida. A intervenção da autoridade monetária pode ser a solução para estancar o contágio, na perspectiva de Pedro Pereira Coutinho. Mas para isso, e para se evitar a saída de um país da Zona Euro, será preciso que sejam feitas alterações profundas em termos de tratados.

“A crise pode ser resolvida por medidas muito distintas”, diz o administrador da Fincor. Uma delas passa pela adopção de medidas do estilo das que foram tomadas pela Reserva Federal ou

Compra de dívida pelo BCE ajuda mas não vai à fonte do problema.

PEDRO PEREIRA COUTINHO
Administrador da Fincor

Banco de Inglaterra.” Ou seja, através da injeção de liquidez na economia, com recurso ao BCE.

O BCE está “limitado à compra de dívida soberana no mercado secundário, o que ajuda mas não vai à fonte do problema”, refere. “Para se conseguir uma solução mais definitiva, que seria uma solução que iria mudar o panorama da Zona Euro, era preciso fazer alterações profundas em termos de tratados”.

Assim seria possível “estancar o contágio da dívida pública”, acredita o administrador da Fincor. A outra solução é mais drástica. Passa pela “saída do euro dos países que estão a crescer a um ritmo mais lento e com graus de endividamento altos”, um “caminho que não gostava de ver”.

“A exclusão de países da Zona Euro, ou a criação de dois euros, levaria a que a moeda única deixasse de o ser. São soluções que evitam reformas mais profundas dentro da Zona Euro, que, a meu ver, era o que mais interessava a países” como a Alemanha, o “motor” da Europa.

A saída seria muito penalizadora para os países que fossem colocados de parte, como a Grécia ou Portugal. “Se já estamos a regredir bastante em termos de qualidade de vida na situação actual; com a saída do euro, o regresso ao escudo e ao dracma, a desvalorização da moeda traria uma perda muito substancial do poder de compra”, remata. **PM**